

REPORTAGEM. A VIDA IMPRESSIONANTE DE QUEM TRATA DOS DOENTES

ENFERMEIROS OS DRAMAS E OS MILAGRES

Francisco baptizou bebés a morrer. Belmiro tratou um amigo que ficou tetraplégico. E João Pedro acompanhou uma rapariga que tinha sido queimada com ácido pelo namorado. Relatos de uma classe que se diz maltratada por quase toda a gente. **Por Susana Lúcio**

Francisco Mendes gosta de deixar o trabalho à porta de casa. Mas há dias em que isso é impossível, como naquela noite em que uma criança de 7 anos morreu no serviço de urgências pediátricas do Hospital de São João, no Porto, onde é enfermeiro-chefe. O rapaz tinha sofrido um acidente – o pai tinha levado os filhos, gémeos, a passear de mota. “O outro miúdo não ficou ferido e quis ver o irmão. Nunca sabemos como isso vai afectar a criança, mas levámo-lo.” Um dia depois, foi declarado o óbito por morte cerebral. “Vi os colegas a prepararem o corpo para a casa mortuária e pensei no meu filho.”

A preparação dos cadáveres é uma das funções mais penosas para os enfermeiros e é, talvez, aquela que melhor retrata uma das características essenciais desta profissão: resis-

A preparação dos cadáveres de crianças é uma das funções mais penosas para os enfermeiros

tência ao sofrimento humano. “Há quem pense que somos frios, mas isso é um mecanismo de defesa”, explica Francisco Mendes.

A profissão é de alto risco a nível psicoló-

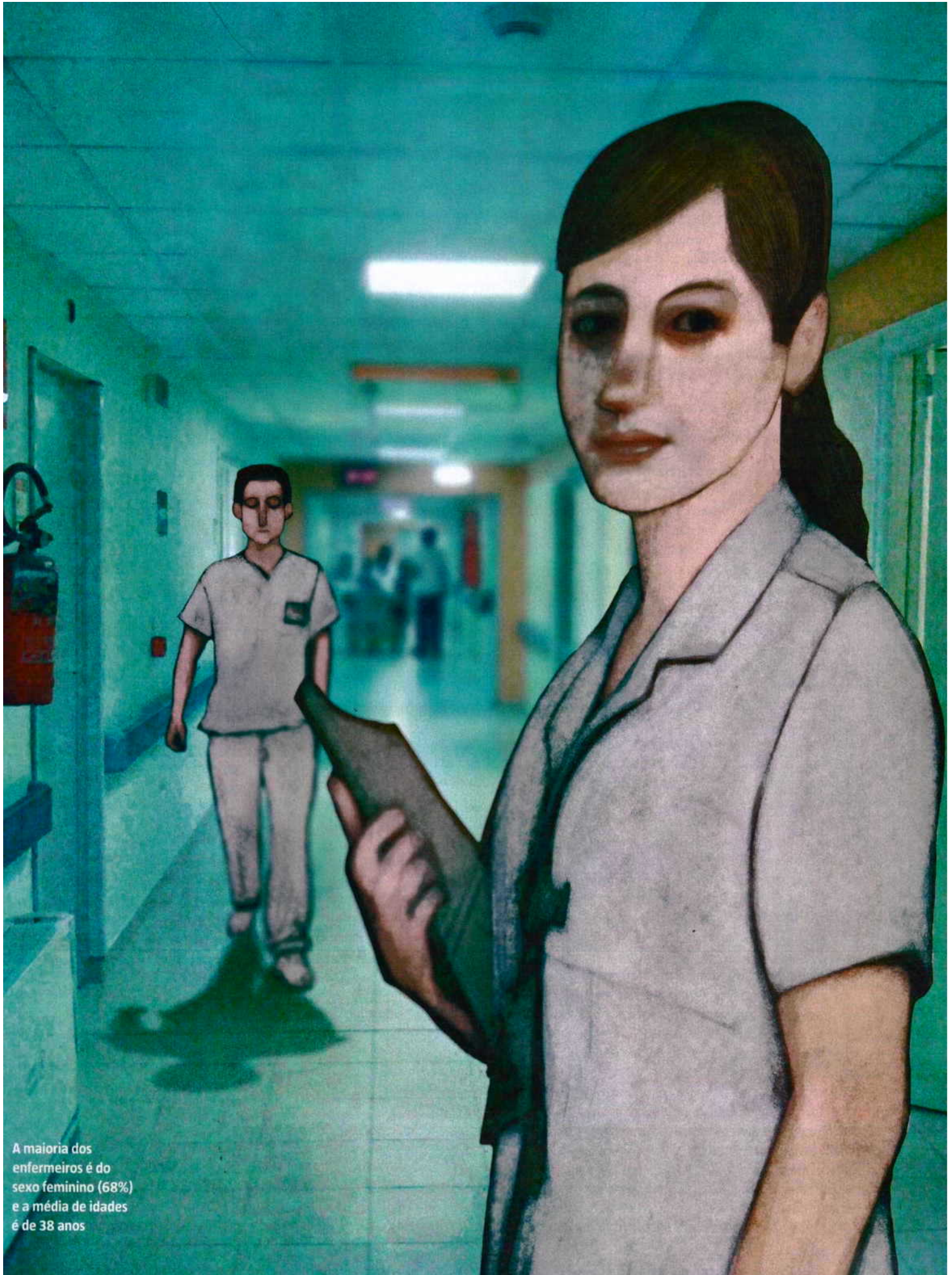
gico e físico e pode levar ao esgotamento. Os enfermeiros são vítimas de violência física e sentem que o seu trabalho não é reconhecido pelo público em geral, nem pelos governantes. Para a próxima semana, o sindicato dos enfermeiros marcou uma greve – a segunda este ano. Exigem receber pelo menos o mesmo vencimento dos licenciados no 1.º escalão da Função Pública: € 1.200.

Quando terminou o curso, há 24 anos, Francisco Mendes queria trabalhar nos cuidados intensivos. “É a área mais prestigiada.” Mas só havia vaga na unidade de cuidados intensi- ▶



ID: 29436437

25-03-2010



A maioria dos enfermeiros é do sexo feminino (68%) e a média de idades é de 38 anos

SOCIEDADE

► vos de neonatologia. Entre fraldas e biberões, viu muitos bebés morrerem. “A experiência ensina-nos que temos de ser duros e pintar o quadro negro para estarmos preparados para o pior”, explica o enfermeiro de 46 anos. O prognóstico é revelado aos pais pelo médico. Mas é o enfermeiro quem escuta as suas angústias. E em casos de risco de vida, é também ele quem dá o primeiro sacramento ao bebé. “O baptismo de urgência é feito a pedido dos pais. Ficamos sempre com o coração nas mãos.” A cerimónia é simples: uma tigela metálica a fazer de concha de prata, água corrente e algumas palavras: “Eu te baptizo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”

MAS HÁ MILAGRES que compensam as perdas. Como o de João, um bebé prematuro que quando nasceu, há mais de 20 anos, tinha poucas hipóteses de sobreviver. Teve uma infecção grave e as pontas dos dedos e das orelhas estavam a morrer. “Tentámos medicá-lo, mas não conseguimos picar as veias”, conta. A equipa colocou-o num berço e ligou aos pais, preparando-os para o pior. Na manhã seguinte, João ainda resistia. “Picámos-lo de novo e conseguimos. Anos depois, era o rapaz com as orelhas roídas e sem as pontas dos dedos que corria por entre as mesas dos jantares que o serviço organizava.”

A relação entre o enfermeiro e o doente é temporária, mas às vezes estabelece-se um elo quase familiar. Foi assim com Ana, uma bebé que Francisco Mendes ajudou a nascer. Tinha dificuldades em respirar e movimentar-se e, mais tarde, percebeu-se que também sofria de limitações psico-cognitivas – nunca falou. Os múltiplos problemas de saúde levavam Ana ao hospital várias vezes. Era internada, recuperava, ia para casa, mas acabava por regressar. “Era uma criança muito feliz. Fechava o punho e levantava o polegar, para dizer que estava bem”, conta o enfermeiro. Foi assim durante oito anos.

Até que, numa ida às urgências, Ana sofreu uma paragem cardíaca. “Fizemos compressões cardíacas e quando ela abriu os olhos, fez o sinal com o polegar.” Mas o coração não resistiu e a menina morreu. “Muitos colegas foram ao funeral.”

Não há apoio psicológico para os enfermeiros. As recomendações são simples: separar trabalho e casa, falar dos traumas e estar com os colegas noutras circunstâncias. Mas há situações que ninguém espera. Quando o enfermeiro Belmiro Rocha, de 42 anos, iniciou a especialização em reabilitação foi surpreendido por um amigo de adolescência deitado numa



Os maiores perigos

A ENFERMAGEM ENVOLVE RISCOS E ESTES PROVOCAM ELEVADOS NÍVEIS DE STRESSE

EXAUSTÃO. Segundo um estudo do **International Council of Nurses**, a principal preocupação dos enfermeiros é o excesso de trabalho.

BULLYING. Um em cada seis enfermeiros foi alvo de **violência física ou psicológica no local de trabalho** nos últimos seis meses, de acordo com um estudo do enfermeiro e especialista em Saúde Mental Luís Sá.

CONTAMINAÇÃO. Os enfermeiros estão expostos a **materiais químicos e biológicos perigosos**.

VIOLÊNCIA. Segundo a Direção-Geral da Saúde, 81% dos hospitais e 77% dos centros de saúde registaram queixas de violência – **a maioria de agressões físicas**.

STRESSE PSICOLÓGICO. O sofrimento testemunhado pelos enfermeiros **pode afectar a sua saúde mental**.

das camas do hospital. Com 28 anos, o seu companheiro de praia tinha sofrido um traumatismo cervical depois de um mergulho no mar – estava tetraplégico. “Olhou para mim e vieram-lhe lágrimas aos olhos.”

Belmiro ficou chocado. Durante seis semanas, cuidou do amigo e acompanhou os primeiros dias do internamento no hospital de Alcoitão. “Foi mais difícil porque o conhecia. Quando não conhecemos os doentes, tentamos evitar que se estabeleça uma ligação emocional. Senão, a carga emotiva torna-se terrível”, confessa o agora enfermeiro-chefe do serviço de pneumologia do Centro Hospitalar de Vila Nova de Gaia.

A PRIMEIRA VEZ que João Pedro Mendes viu um doente queimado, sentiu-se desmaiar. Mas na segunda semana o enfermeiro já estava habituado a tudo. Menos às pessoas queimadas com ácido. “Acompanhei uma rapariga agredida pelo namorado que esteve quase a morrer”, conta. Foram dois meses em que testemunhou o desespero da família. “Depois recuperou e foi transferida.” Mas nem sempre as coisas acabam bem.

João Pedro não esquece uns recém-casados gravemente queimados, vítimas de um acidente de automóvel. O homem só não estava queimado na planta dos pés. “A família levou uma foto do casamento para nos mostrar como eles eram antes.” Nenhum deles resis-



Depois das compressões cardíacas, Ana abriu os olhos e levantou o polegar para dizer que estava bem. Momentos depois morreu

tiu aos ferimentos e foi o enfermeiro que informou a família. "Nunca mentimos. Quando a situação é grave, a família é informada." A reacção à morte varia entre a raiva e o sofrimento, mas João também se lembra de uma pessoa que "riu histericamente".

Depois há que lidar com a agressividade de quem está isolado num quarto. "Alguns idosos, acostumados a beber, apresentam sintomas de dependência física." Tremem, ficam desorientados e nervosos. "Muitas vezes arrancam os pensos das feridas queimadas." É preciso imobilizá-los e aí surgem os insultos. "Eu nem ligo, sei que a pessoa não está bem."

Quando chega a casa, João Pedro Mendes ainda ouve os alarmes da unidade de queimados. Cada doente pode ter até sete máquinas de perfusão (por onde são administrados os medicamentos) e quando há pressão ou as máquinas ficam bloqueadas, activam-se os toques. E há também os monitores e os ventiladores em turnos de oito horas. Apesar disso, o enfermeiro ainda não se arrependeu da sua escolha. "Dá-me muito gozo aliviar o sofrimento de outros." A dedicação é reconhe-

O rapaz de 10 anos parecia bem. Não se queixava mas estava muito pálido. Despiram-no à procura de lesões. Faltava-lhe uma perna

SOCIEDADE

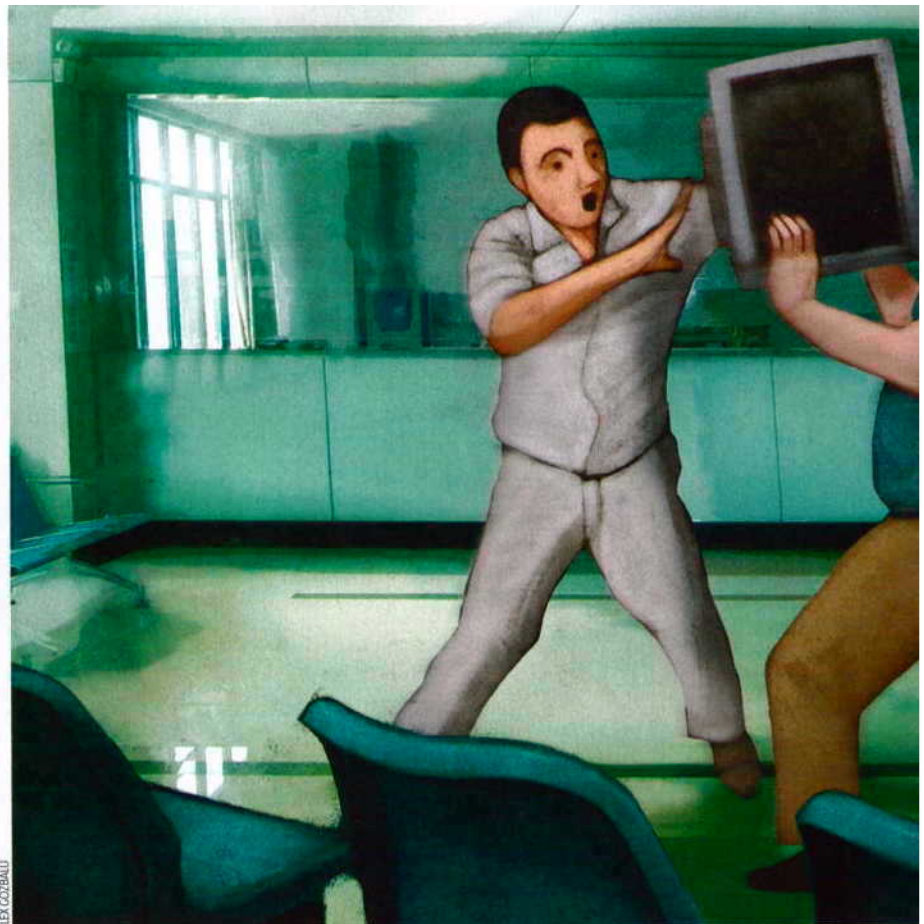
Na sala de triagem do serviço de urgência do Hospital de Faro houve doentes a atirar computadores ao chão porque não gostaram da cor da pulseira de prioridade que receberam

► cida pelos doentes, mas não pelo público, diz. "Ainda se pensa que o enfermeiro é empregado do médico. Pedem-nos informações e depois desvalorizam-nas."

Também há doentes que não aceitam a terapia indicada e os agredem. Aconteceu no Hospital Curry Cabral, em Lisboa, com Ana Francisco. A enfermeira estava junto ao médico enquanto dava informações a uma doente que tinha sofrido um acidente vascular cerebral. A senhora, de 50 anos, não ficou satisfeita com as palavras do especialista e agarrou com força os cabelos da enfermeira. "Foi o médico que a afastou." A doente recebeu alta de forma compulsiva.

MAS O ÚLTIMO incidente que a levou a abandonar o serviço hospitalar ocorreu em 2007. Na altura trabalhava no serviço de pneumologia do Hospital Pulido Valente, onde prestava cuidados a doentes com problemas respiratórios. "Pessoas que perdem independência por causa do cansaço provocado pelo descontrolo da respiração." Parte da função dos enfermeiros passa por incentivar a autonomia dos doentes. "É importante para a sua autoestima que sejam eles a lavar a cara ou a levar o garfo à boca." Mas há casos complicados. "Uma doente recusou lavar a cara e quando a incentivei a fazê-lo sozinha telefonou aos familiares a queixar-se." A filha e o marido foram ao hospital e zangaram-se com a enfermeira. "Disseram que eu estava ali para fazer tudo o que a doente quisesse. Nem consegui falar, só chorava." Ana Francisco esteve de baixa psiquiátrica durante 30 dias. Há um ano resolveu mudar de vida – foi viver para Belmonte e trabalha no centro de saúde local.

Alberto Lopes também trocou o distrito de



Lisboa por causa do excesso de trabalho. Foi para o Algarve e há 10 anos que trabalha nas urgências do Hospital de Faro. No início ficou chocado com a agressividade das pessoas – houve quem tivesse atirado os computado-

A mulher não gostou das palavras da especialista e agarrou os cabelos da enfermeira

res da sala de triagem ao chão por não ter gostado do nível de prioridade concedido. "Os doentes são egoístas, o seu caso é sempre pior do que o do vizinho." A situação agrava-se quando esperam muito tempo pelo médico. É quando atacam os enfermeiros. "Costumo

perguntar se a pessoa veio ao hospital para ser vista pelo enfermeiro ou pelo médico." As queixas são dirigidas aos enfermeiros, são raras as que chegam aos médicos.

A relação com os médicos pode complicar-se quando estes estão em início de carreira. "Um médico pediu-me para dar um medicamento para arritmia a um doente com taquicardia. Perguntei-lhe se tinha olhado para o electrocardiograma, o doente não tinha arritmia." O interno fez queixa ao chefe de equipa, mas no fim verificou-se que Alberto Lopes tinha razão. "Agora até já é capaz de perguntar a minha opinião."

Nas viaturas do INEM, a boa relação entre médico e enfermeiro é vital. "Só pode-

Quando o stresse coloca enfermeiros contra enfermeiros

HÁ SITUAÇÕES EM QUE A VIOLÊNCIA NOS HOSPITAIS É DESENCADEADA PELOS PRÓPRIOS COLEGAS

HÁ SETE ANOS, a enfermeira Ana Francisco foi agredida por uma colega. Estavam as duas na sala de enfermeiros a ceiar e começaram a falar sobre Timor-Leste. "Ela era timorense e

acusou os portugueses de terem sido responsáveis pela tragédia que ocorrera no país. Eu respondi que o povo era alheio a ideologias políticas e ela agrediu-me." Surpreendida, Ana Francisco vol-

tou ao trabalho. Mas durante a madrugada **a colega encurralou-a junto à enfermaria e apertou-lhe o pescoço.** "Tentei chamá-la à razão, mas só me largou quando um terceiro enfer-

meiro interveio." Ana queixou-se, mas nada foi feito. Dias depois, a enfermeira foi de férias e quando regressou a colega tinha ido trabalhar para Inglaterra. "Quando regressou, foi incorporada noutra equipa."



mos contar connosco”, diz João Gomes, enfermeiro do serviço de urgências há 16 anos. Os piores episódios que viveu foram com vítimas de acidentes de viação. Lembra-se, por exemplo, de um acidente no IC2, perto das Caldas da Rainha. “Assim que chegámos vimos um bebé no meio da estrada. Estava morto. Havia quatro pessoas dentro do carro e só uma estava viva.” Depois de estabilizado o único sobrevivente da família, encontraram mais um morto na zona da bagageira.

Há 10 anos foram cinco jovens cujo automóvel embateu a alta velocidade contra uma árvore. “Todos sofreram várias amputações dos membros. Foi terrível.” Cinco anos mais tarde, o mesmo pesadelo, com um rapaz de 18 anos que chocou de mota contra um carro. “Parecia bem: não se queixava, nem tinha um olhar de dor. Mas estava muito pálido.” Despiram-no à procura de lesões. Quando lhe tiraram as calças, faltava uma perna. “Entrámos em pânico. Ainda andámos à procura da perna, mas não a conseguimos encontrar e tivemos de seguir para o hospital”.

No início da profissão, Alberto tinha pesadelos e passou muitas noites em claro. “Hoje já não. Mas acho que mais tarde vem tudo ao de cima...” ●

(Os nomes dos doentes foram alterados para proteger a sua identidade.)